

Confúcio, experiência com epidemias e tecnologia ajudam no controle do coronavírus na Ásia

João Perassolo

Folha de S.Paulo, 5.4.2020

Após conter disseminação inicial, região estabelece medidas para impedir segunda onda de contágio

Enquanto o Ocidente se desespera para lidar com a Covid-19 —Espanha, Itália, França e EUA registram centenas de mortos diariamente pela doença causada pelo novo coronavírus, a Ásia exibe números de fazer inveja.

A Coreia do Sul, que chegou a ser o segundo maior foco da doença depois da China, tem uma das menores taxas de letalidade (1,69%), junto com Singapura (0,07%).

Pela proximidade com a China —onde o surto começou— e pelo número de voos que conectam os dois territórios, Taiwan poderia ter sido devastado pela doença, mas se valeu da experiência adquirida durante a epidemia de Sars e registrou até agora apenas cinco mortos por Covid-19 em 24 milhões de habitantes.

Esse sucesso em enfrentar o primeiro momento da pandemia, porém, agora se equilibra em corda bamba, e vários países da região tem tomado medidas para conter uma segunda onda de contaminação.

O êxito inicial da Ásia em lidar com a pandemia parece se dar não só porque a região foi a primeira a ser atingida, mas por um tripé formado pela cultura de valorização do coletivo sobre o indivíduo, estruturas avançadas de monitoramento de doentes e uso de inteligência artificial para detectar casos suspeitos.

O sudeste e o leste da Ásia estão de fato se dando melhor no controle da Covid-19 do que países ocidentais, na opinião do diplomata Fausto Godoy, que serviu o Itamaraty em 11 países do continente e hoje coordena o Núcleo de Estudos Asiáticos da ESPM. Isso se deve, diz, ao confucionismo adotado por China, Japão, Coreia do Sul e Singapura.

Nascido no norte da China em 479 a.C., o filósofo Chiu Kung —cujo nome foi europeizado para Confúcio— legou ao Oriente o pensamento de que os governantes devem ser exemplares e de que o Estado existe para beneficiar a população. Seus aforismos, como “não faça aos outros o que você não quer que seja feito a você”, pregam a harmonia da vida em sociedade.

“No Ocidente, temos os nossos direitos, você deve respeitar o meu direito. Isto vem da Revolução Francesa e da declaração de independência dos EUA, segundo a qual todos os homens são criados iguais e têm o direito de perseguir a felicidade. O confucionismo é o oposto disso”, diz Godoy.

“Você, eu, todos nós só passamos a ter importância quando agregamos algo à sociedade. É assim que se constrói um hospital em dez dias [erguido na China] e assim que a gente consegue fechar uma cidade como Wuhan [onde o surto começou], com 11 milhões de habitantes”, acrescenta.

O quadro se completa com a predisposição dos chineses a acatarem as ordens de um governo de partido único: “Eles obedecem convictos”.

Itália e Estados Unidos, lembra Godoy, estavam desatentos aos perigos do vírus e quando se deram conta era tarde demais. No país europeu, o prefeito de Milão disse em fevereiro que a cidade não pararia mesmo com casos confirmados da doença (ele pediria desculpas um mês mais tarde), enquanto Donald Trump inicialmente minimizou a seriedade da situação para só mais tarde reconhecer a gravidade.

“Nosso individualismo é um grande obstáculo, o coletivismo asiático é uma grande diferença”, finaliza Godoy.

A preocupação com o outro aparece também em gestos cotidianos, a exemplo do uso de máscaras, hábito que precede o novo coronavírus.

No Japão, as vendas do acessório explodiram em 2009, durante o surto da gripe H1N1, e pessoas contaminadas as vestiam para evitar o contágio de quem estava saudável. Na pandemia atual, o governo está doando duas máscaras por residência.

Após um pico de infecções no final de fevereiro, a Coreia do Sul determinou que 90% da produção local do item seria vendida no mercado interno. O governo aconselhou os cidadãos a vestirem uma por dia.

Seul também estava mais preparada desta vez pois o país enfrentou em 2015 um surto de Mers, cepa de coronavírus que infectou 185 pessoas e matou 38 coreanos.

Jegal Dong-wook, professor de medicina na Universidade Católica da Coreia do Sul, afirmou ao jornal Financial Times que desde então os hospitais contam com unidades de controle de infecção e salas de pressão negativa, usadas para isolar os contaminados.

Em paralelo, pessoas com sintomas respiratórios passaram a se dirigir primeiro a centros de detecção de doenças infecciosas, e não a hospitais, facilitando a triagem.

Aprendizado semelhante teve Taiwan, depois de lidar com a epidemia de Sars em 2003: entre março e julho daquele ano, a doença respiratória cujo epicentro era a China teve mortalidade de 27% entre os taiwaneses contaminados.

Desde então, a ilha criou mecanismos para lidar com epidemias vindas do vizinho, dentre os quais um órgão responsável por coordenar ações em nível federal e regional.

Quando Wuhan notificou a Organização Mundial da Saúde sobre os primeiros casos de Covid-19, agentes taiwaneses imediatamente passaram a entrar nos aviões e medir a temperatura de passageiros vindos da China que pretendiam desembarcar na ilha.

Na contenção do vírus, às medidas sanitárias se aliaram as tecnológicas, com o emprego maciço de inteligência artificial e de câmeras de monitoramento. Na China, forças de segurança na cidade de Hangzhou se muniram de óculos termais, capazes de medir a temperatura de centenas de pessoas em apenas dois minutos.

Além disso, oficiais se valiam das 200 milhões de câmeras de segurança espalhadas pelo país para detectar pessoas que violavam a quarentena.

“No caso da China, por razões outras eles trabalhavam há muito mais tempo com tecnologia de identificação de pessoas por reconhecimento facial para fins de segurança interna, e agora podem aplicar esse tipo de tecnologia no controle da pandemia”, argumenta Vivaldo José Breternitz, professor da Faculdade de Computação e Informática da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Ele coloca ainda que a adoção maciça de sistemas de vigilância tecnológicos se dá num país onde “o direito à privacidade é nenhum” e no qual os habitantes estão acostumados a seguir as ordens do governo —o que não seria facilmente aceito em democracias ocidentais.

Mesmo assim, “é de se acreditar que outros países adotarão ou já estão adotando medidas similares, pois governos estão dispostos a utilizar quaisquer ferramentas necessárias para conter a Covid-19, mesmo que estas ameacem a privacidade de seus cidadãos —a ideia é que diante dos interesses da coletividade, aqueles individuais podem ficar em segundo plano”.

Após conter a transmissão doméstica, Pequim se preocupa com quem chega do exterior. Na quinta (2), o regime anunciou que endurecerá os controles de fronteira e imporá quarentena aos viajantes que entram no país por terra.

Singapura anunciou nesta sexta (3) que fechará o comércio e as escolas pelo próximo mês. Já a Coreia do Sul ampliou por duas semanas as medidas de distanciamento social e impôs recentemente uma quarentena obrigatória para estrangeiros, que devem permanecer em instalações do governo por 14 dias após desembarcarem.

A ideia da quarentena é evitar a reintrodução do coronavírus em regiões que, aparentemente, controlaram o pior momento do surto. Isso vale tanto para expatriados que retornam a seus países fugindo dos altos índices de contágio na Europa e nos EUA quanto para os casos assintomáticos, pessoas que carregam e podem passar o patógeno mas não apresentam sintomas. Nos últimos dias, houve também o fechamento de fronteiras aéreas na China, Hong Kong, Singapura, Taiwan e Japão.

“Os países têm tido dificuldades para implementar as suas próprias soluções domésticas, e soluções domésticas são insuficientes para um problema de saúde global e transnacional. Fechar fronteiras é uma das formas pela qual governos individuais podem controlar a situação”, disse ao jornal The New York Times Kristi Govella, professora assistente de estudos asiáticos na Universidade de Havaí.

“Mesmo países que foram relativamente bem-sucedidos em lidar com a pandemia são apenas tão seguros quanto o elo mais fraco da cadeia.”